O COMÉRCIO MARÍTIMO DO MARANHÃO NO SÉCULO XIX

Ricardo Zimbrão Affonso de Paula
Doutor em Economia Aplicada pela Unicamp; Prof.º do Departamento de Economia da UFMA; Membro do Grupo de Pesquisa Economia e Sociedade Brasileira no Oitocentos;
Linhas de Pesquisa: História Econômica do Brasil no Século XIX;
Endereço: Rua 02, Qd. E, Casa 4; Jd. Coelho Neto. São Luís-MA. Cep: 65071-460
E-mail: ricardo.zimbrao@gmail.com

Mario Roberto Melo Silva
Graduando do Curso de Ciências Econômicas da UFMA; Bolsista PIBIC – Grupo de Pesquisa Economia e Sociedade Brasileira no Oitocentos.
Linhas de Pesquisa: História Econômica do Brasil no Século XIX;
Endereço: Rua Projetada, nº 80, Conj. Jd. SM-2; Bequimão. São Luís-MA. Cep: 65060-120
E-mail: marobto@gmail.com

O COMÉRCIO MARÍTIMO DO MARANHÃO NO SÉCULO XIX

RESUMO: O seguinte artigo apresenta o movimento comercial marítimo da Província do Maranhão no século XIX, especificamente entre as décadas de 1840 e 1870. Este estudo se baseia nos movimentos de exportação e importação do comércio marítimo, tanto em relação ao exterior quanto ao comércio entre províncias. Além disso, identificamos os principais parceiros deste comércio, de acordo com os valores transacionados entre cada destino e origem. Outra variável apresentada diz respeito aos dois principais produtos exportados pela Província do Maranhão: o algodão e o açúcar.

Palavras-Chave: História Econômica, Maranhão, Século XIX, Comércio Marítimo, Balança Comercial.

ABSTRACT: The following article presents the Província do Maranhão's maritime commercial movement of in the nineteenth century, specifically between the decades of 1840 and 1870. This study is based on the export and import's movements of the maritime trade, both on the outside as to trade between provinces. Furthermore, we identified the main partners of this trade, according to the values traded between each destination and origin. Another variable concerns presented to the two main products exported by the Província do Maranhão this season: the cotton and sugar.

Keywords: Economic History, Maranhão, Nineteenth Century, Maritime Commercial, Balance of Trade.

I – Introdução.

O estudo que ora apresentamos, é sobre o movimento comercial marítimo da Província do Maranhão no século XIX, e se insere num projeto de pesquisa mais amplo, cuja finalidade é estudar o movimento comercial marítimo do Brasil ao longo do oitocentos. Tal projeto temático, denominado *Comércio marítimo brasileiro no século XIX,* foi organizado por nós e apresentado a demais membros do Grupo Economia e Sociedade Brasileira no Oitocentos, que em suas respectivas universidades e estados darão sequência com o objetivo de construirmos uma série estatística nacional do comércio marítimo brasileiro, do *trend* conjuntural dos preços e a participação das regiões e províncias brasileiras no quadro desse comércio.

O projeto visa percorrer a documentação oficial expedida pela presidência da província do Maranhão ao longo do século XIX, os chamados *Relatórios de Presidentes da Província*[1], e os documentos arquivados no sítio Memória Estatística do Brasil. [2]

O objetivo deste artigo é o de apresentar dados e alimentar uma série estatística do movimento comercial do porto de São Luís no séc. XIX com ênfase na balança comercial da província, tipos de produtos que exportava e importava e com quem comerciava – cabotagem e internacional. Infelizmente, não pudemos abordar neste trabalho movimento dos preços das principais mercadorias comercializadas, posto que não concluímos o levantamento dos dados

para construção da série. É importante ressaltar que o projeto está ainda em sua fase inicial e que, portanto, este trabalho não é conclusivo.

II – Balança Comercial.

Durante o século XIX, o movimento comercial da província do Maranhão apresenta-se predominantemente deficitário. Isto ocorre tanto em relação ao comércio exterior quanto em relação ao comércio entre províncias. No entanto, a análise da balança comercial do período correspondente, em relação a qualquer província, exige mais do que a simples interpretação do saldo entre exportação e importação.

O comércio imperial caracterizava-se pela subdivisão de exportação e importação em categorias menores e mais específicas que, inevitavelmente, nos impôs à seguinte delimitação:

I. Exportação
   1. Exportação de gêneros nacionais para países estrangeiros;
   2. Exportação de gêneros nacionais para outras províncias do Império;
   3. Exportação de mercadorias estrangeiras para outras províncias;
   4. Reexportação de mercadorias estrangeiras para fora e dentro do Império;

II. Importação
   1. Importação direta de países estrangeiros;
   2. Importação de produtos nacionais de outras províncias do Império;
   3. Importação de mercadorias estrangeiras de outras províncias;

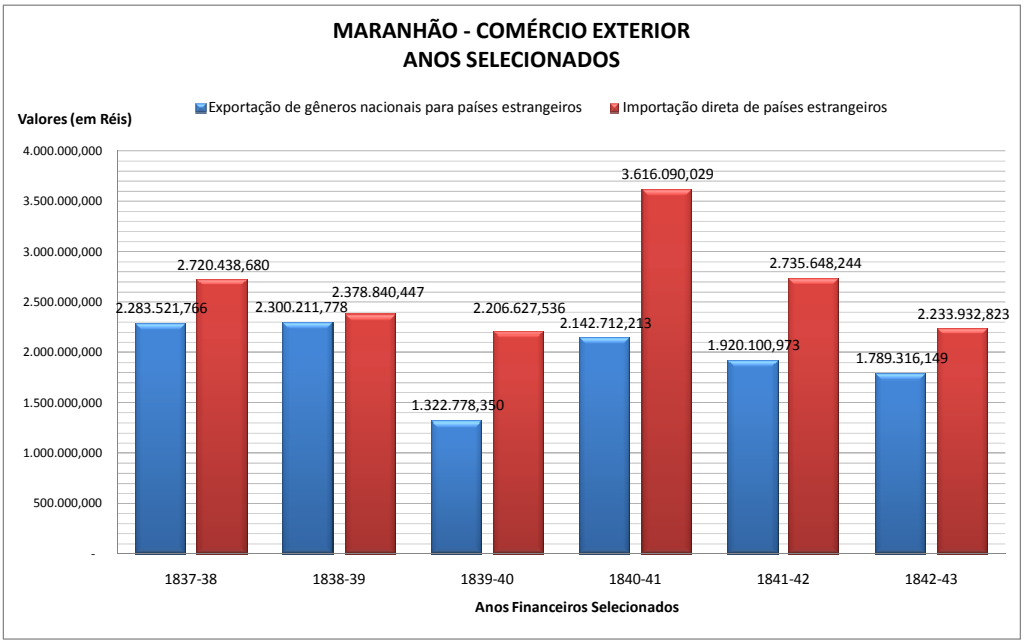
A partir de tal estrutura, e pela representação quantitativa das categorias apresentadas, partimos para o estudo das tendências do comércio maranhense. Para isso, as colocações de nossa análise se basearam, especificamente para este trabalho, na demonstração do comércio de exportação e importação de gêneros nacionais entre o Maranhão e países estrangeiros – Comércio Exterior – e entre o Maranhão e as demais províncias do Império – Comércio Interno.

Como já citado, seja no âmbito externo seja no interno, a balança comercial maranhense obteve níveis de importação superiores às exportações por longos períodos, de modo que, considerando-se o quadrante a que se restringe esta pesquisa – período Imperial –, somente na década de 60 tal movimento apresentou-se de modo contrário. A partir dessa consideração, vamos interpretar as demonstrações citadas através da comparação gráfica entre aquelas diferentes especificações.

Podemos afirmar logo de início que é o comércio exterior que assegura o superávit comercial naqueles anos. Como a nossa base de dados encontra-se desprovida em

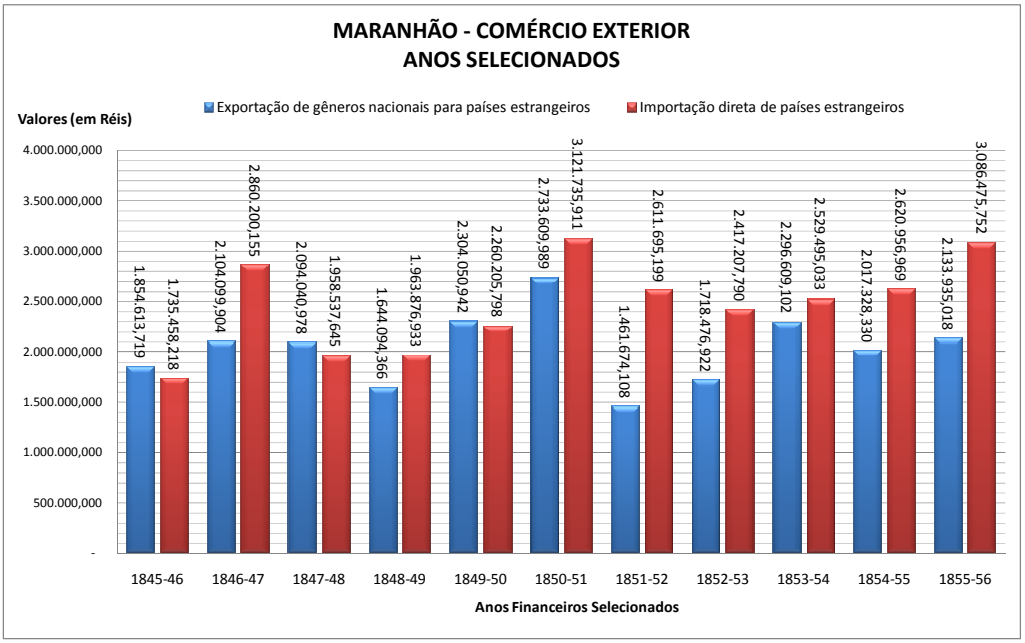
alguns anos, fizemos os recortes apresentados nos gráficos 1, 2 e 3. No gráfico 1 estão relacionados os anos financeiros entre 1837 e 1843 e no gráfico 2 os anos financeiros entre 1845 e 1856. Nesses dois períodos, as exportações somente superam as importações nos anos financeiros de 1845-46 e 1847-48. No gráfico 3 estão relacionados os anos de 1857-58 a 1877-78. Este período é essencial por reunir uma sequência anual em que as exportações superam as importações, o que ocorre entre de 1862-63 até 1871-72.

GRÁFICO 1



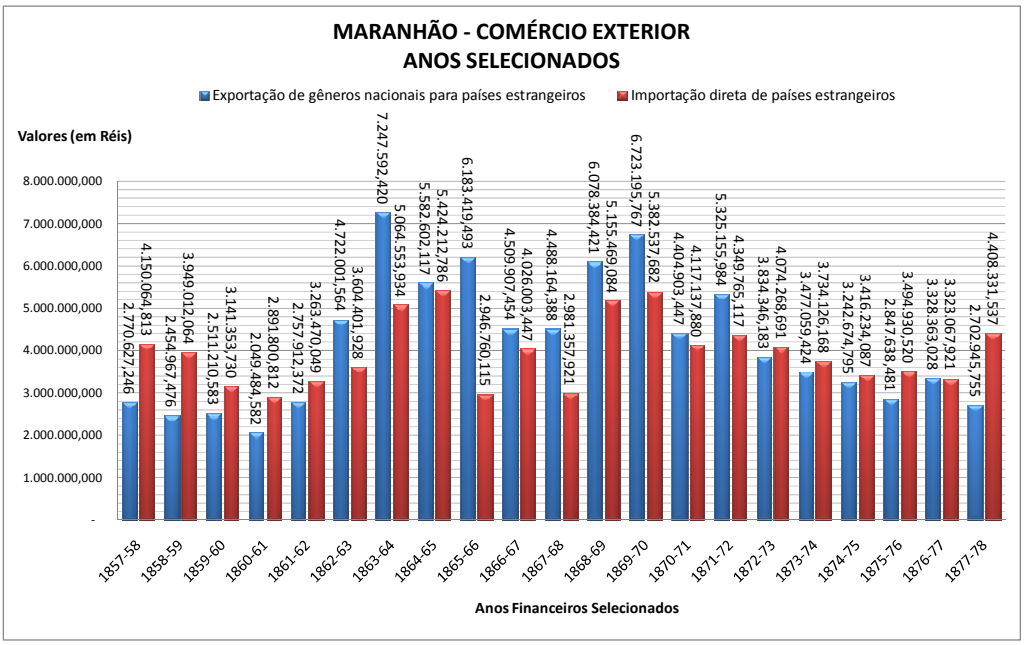
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 2



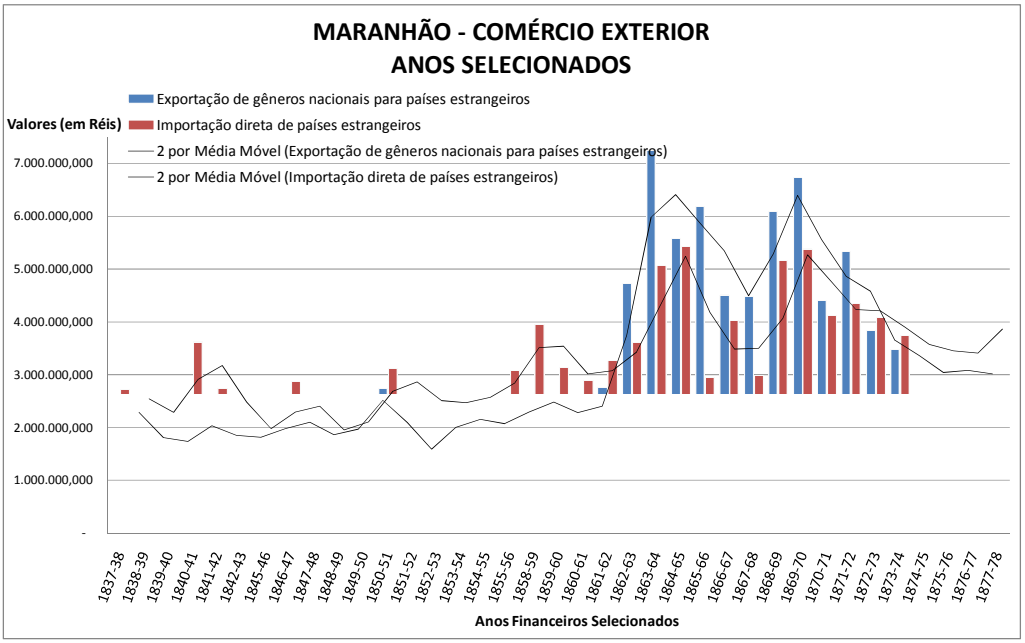
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 3



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

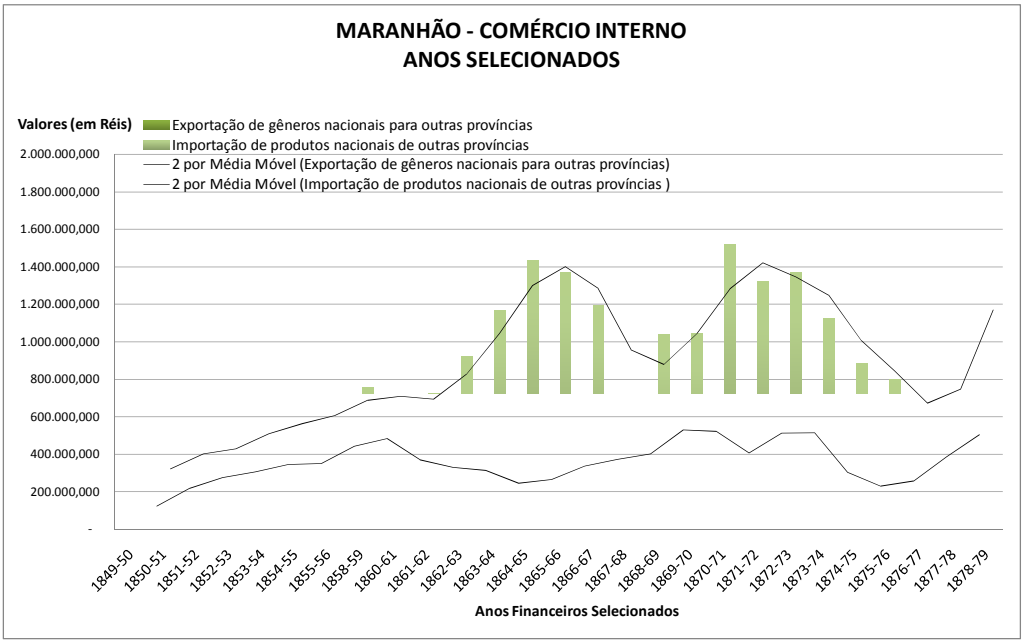
GRÁFICO 4



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

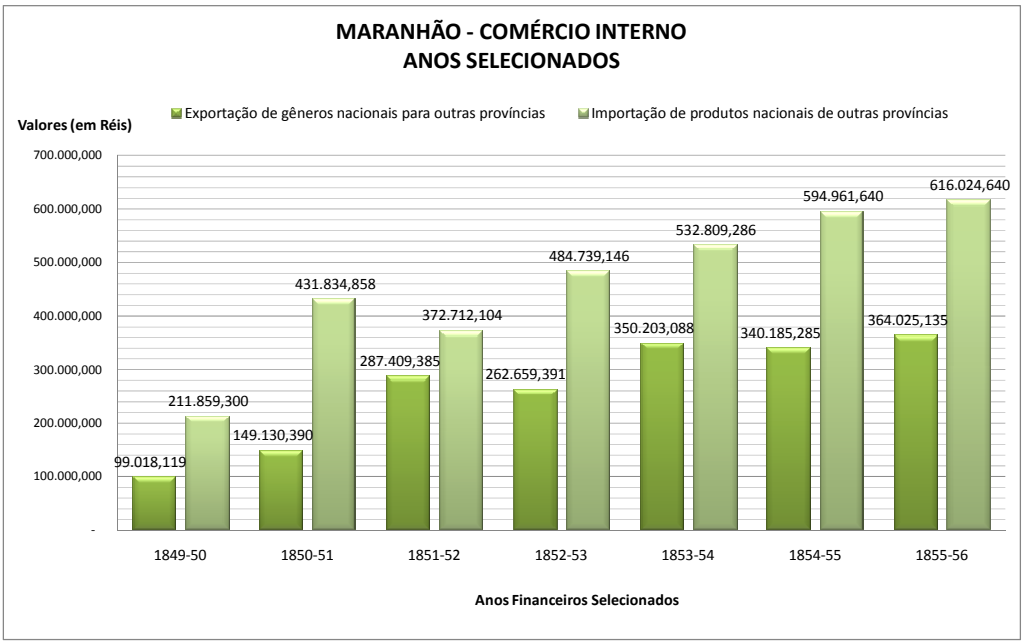
O gráfico 4 mostra o comportamento do comércio exterior ao longo de todo o período. O movimento das variáveis analisadas se mostra ainda mais evidente quando consideramos a linha de Média Móvel apresentada no gráfico. Tais linhas se aproximam justamente nos anos em que o saldo tende a mudar, mas não se mantém por longo período, ou seja, se limita aos poucos anos já citados. Somente quando esse movimento se aplica a vários anos, como ocorreu na década de 60, é que a tendência se inverte.

GRÁFICO 5



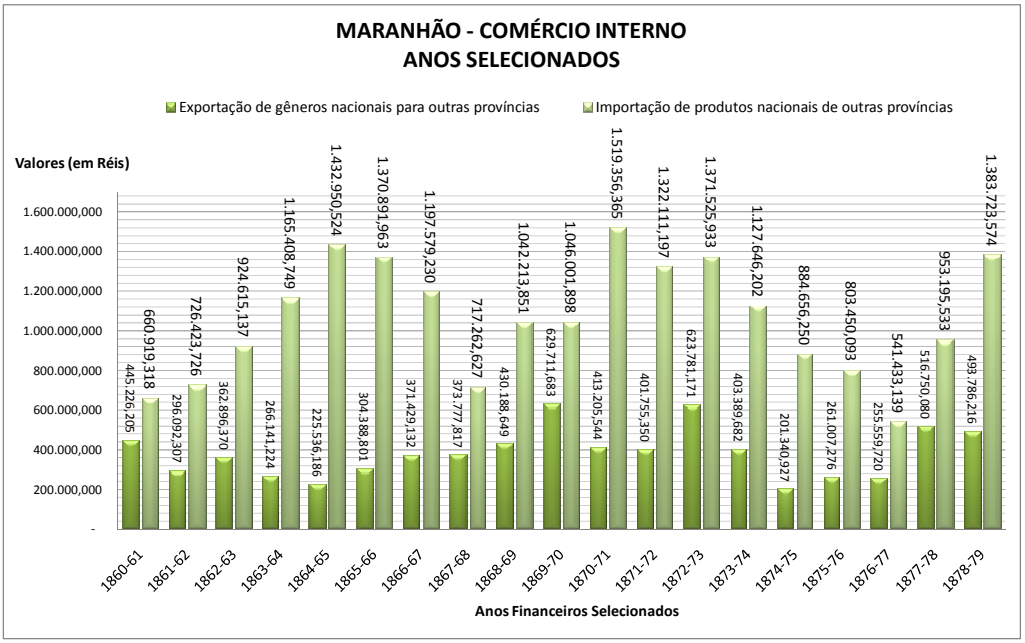
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 6



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

GRÁFICO 7



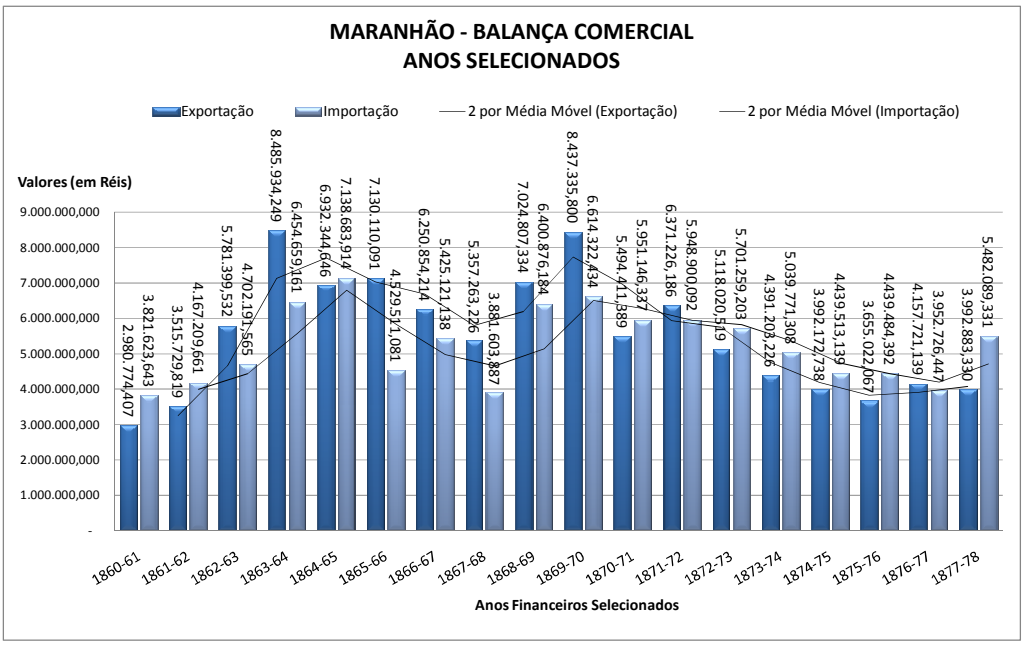
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Ao considerarmos o movimento do Comércio Interno, mostrado nos Gráfico 5, 6 e 7, ratificamos a informação de que a variável que promoveu o superávit obtido durante a década de 60 foi o comércio de gêneros nacionais para o estrangeiro, já que, durante o mesmo período e por todo ele, o comércio de gêneros nacionais para outras províncias apresenta-se claramente deficitário. Mesmo sem considerarmos os outros tipos de comércio - exportação de mercadorias estrangeiras para outras províncias, reexportação de mercadorias estrangeiras para fora e dentro do Império, e, importação de mercadorias estrangeiras de outras províncias –, cujos valores são relativamente menores, podemos ver no Gráfico 8 como o comércio exterior foi extremamente importante para o desempenho da balança comercial, não somente em termos do superávit ocorrido, mas também em relação às altas cifras envolvidas nesse tipo de comércio, tanto na importação quanto na exportação.

No referido gráfico, apresentamos a balança comercial para os anos financeiros entre 1860-61 e 1877-78. Dessa forma, os valores colocados nos gráficos 4 e 5 foram somados aos seus respectivos associados e subtraídos entre si, apontando para a compensação dada pela exportação de gêneros nacionais para o estrangeiro em relação à importação de gêneros nacionais de outras províncias do império. Do mesmo modo, a redução do saldo positivo que se tem com o Comércio Interno não afetou tanto o superávit da balança, pois seus valores comercializados não eram tão expressivos quanto os valores de exportação, apesar de

não possibilitar que o saldo da balança comercial tenha a mesma performance do saldo do Comércio Exterior, fato demonstrado no Gráfico 9.

GRÁFICO 8

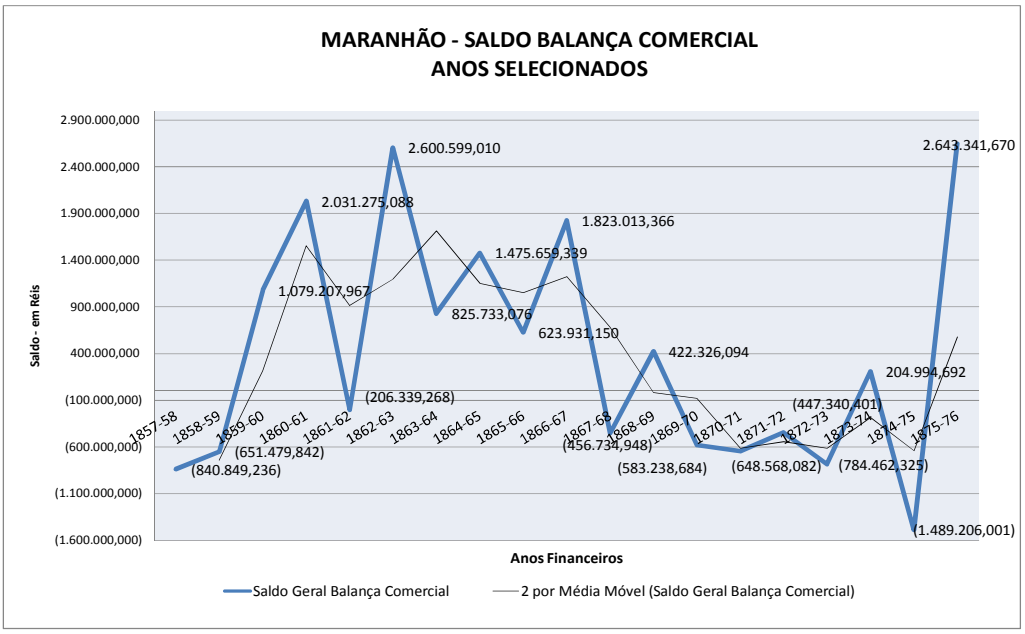


Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

É interessante citar que as características apresentadas pela balança comercial da província do Maranhão são exclusivas ao século XIX, já que, até o início deste século, as exportações maranhenses proporcionaram amplos superávits comerciais. Já foi dito que, no período em análise, somente durante a década de 60 esse fato ocorreu novamente, devido a fatores externos que serão colocados mais adiante. Segundo Viveiros, em *História do Comércio do Maranhão*, os hábitos vividos pelos maranhenses tornaram-se refinados e exigentes depois da abertura dos portos, em 1808, quando os hábitos modestos e costumeiros foram suprimidos pelo contato direto com o "conforto inglês" e o "luxo francês"[3]. Os novos hábitos estimularam as importações de tal modo que, no decorrer do século XIX, o volume gerado por esse comércio passou a tornar negativa a balança comercial.

No gráfico 9 apresentamos o saldo gerado pela balança comercial entre os anos de 1857-58 a 1875-76. A linha em azul destaca os saldos a cada ano financeiro e a linha em preto, a média móvel referenciada nos movimentos do saldo comercial. As três décadas apresentadas reproduzem o período de saldos positivos da balança comercial maranhense.

GRÁFICO 9



Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Há de se interpretar, em particular, as causas que geraram a situação mais notável apresentada neste tópico: os saldos positivos gerados durante a década de 60 e 70 – Gráfico 9. A nova base da balança comercial maranhense foi, durante o período imperial, a responsável pelos seus sucessivos déficits comerciais. Todavia, as décadas de 60 e 70 mostram justamente o período em que o saldo comercial se inverte positivamente. O principal motivo dessa inversão pode ser facilmente delimitado: as crescentes exportações de algodão, devido à redução da oferta norte-americana, já que os EUA entraram em guerra entre 1860-65; e do açúcar. O Maranhão foi diretamente beneficiado pelo fato da Inglaterra ter perdido seu maior mercado de algodão. Diante da ameaça de colapso da indústria têxtil, o Maranhão se beneficiou da súbita elevação de preços decorrente, apesar de sua produção algodoeira não ter se elevado. No entanto, este é um assunto para o tópico Principais Mercadorias Exportados.

III - Principais mercados – províncias e países.

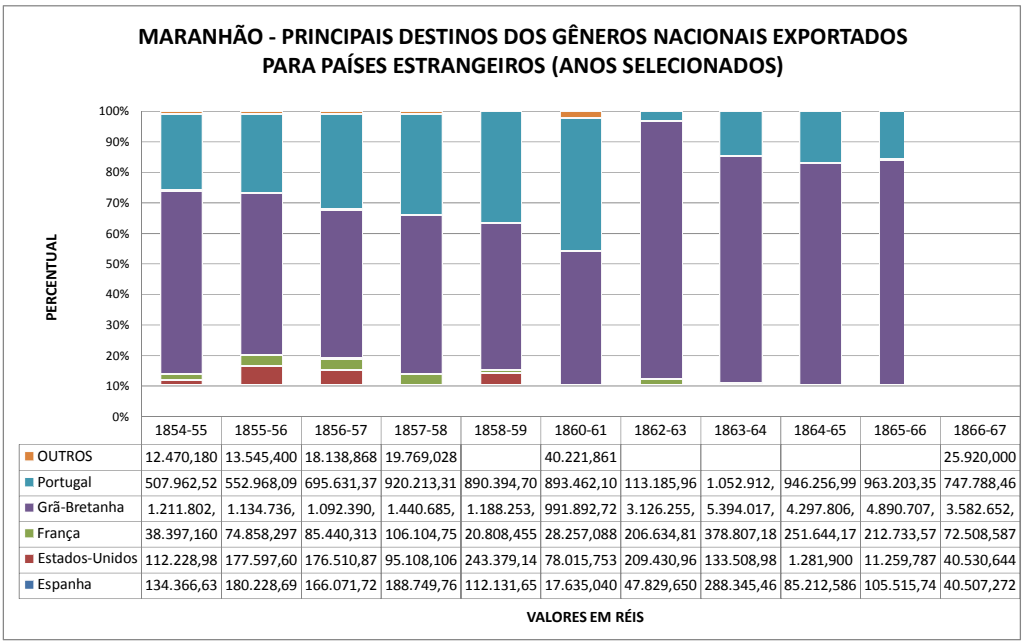
O Maranhão possuía, no século XIX, uma pauta diversificada em relação aos seus parceiros comerciais. Apesar de enviar e receber navios dos mais diferentes portos do mundo, a exportação e a importação de gêneros durante o período Imperial pode ser dividida entre 5 parceiros: Portugal, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e Espanha; os demais, que se

diferenciam entre os citados acima, não apresentam expressividade e constância na pauta de comércio do Maranhão. Dentre esses podemos citar: África, Alemanha, Bélgica, Cidades Anseáticas, Cuba, Guiana Francesa.

Através do Gráfico 10 representamos os dados quanto ao destino dos gêneros nacionais exportados para países estrangeiros. Neste gráfico relacionamos os 5 principais destinos e reunimos os demais no grupo OUTROS. Percebe-se que, nos anos selecionados, a Grã-Bretanha chega a representar mais de 75% da exportação, a partir de 1862, mas se mostra menor para o período anterior à 1861, o que não significa menos de 50%. Esse percentual parece ter sido obtido pela redução quantitativa das exportações para os Estados Unidos e pelo aumento considerável dos valores de exportação para a própria Grã-Bretanha.

Tal fato é o mesmo comentado anteriormente. Com a Guerra de Secessão, a Inglaterra perdeu seu principal mercado de matérias-primas. Os Estados Unidos viram-se obrigados a reduzir o volume de produção de seus gêneros, especialmente do algodão, a ponto de provocar uma elevação de preços a nível mundial. O Maranhão se aproveitou mais da elevação dos preços do que a elevação da produção. Para a balança comercial, isso significou uma elevação dos valores exportados para a Inglaterra e uma redução da quantidade exportada para os Estados Unidos.

GRÁFICO 10



	1854-55	1855-56	1856-57	1857-58	1858-59	1860-61	1862-63	1863-64	1864-65	1865-66	1866-67
OUTROS	12.470,180	13.545,400	18.138,868	19.769,028		40.221,861					25.920,000
Portugal	507.962,52	552.968,09	695.631,37	920.213,31	890.394,70	893.462,10	113.185,96	1.052.912,	946.256,99	963.203,35	747.788,46
Grã-Bretanha	1.211.802,	1.134.736,	1.092.390,	1.440.685,	1.188.253,	991.892,72	3.126.255,	5.394.017,	4.297.806,	4.890.707,	3.582.652,
França	38.397,160	74.858,297	85.440,313	106.104,75	20.808,455	28.257,088	206.634,81	378.807,18	251.644,17	212.733,57	72.508,587
Estados-Unidos	112.228,98	177.597,60	176.510,87	95.108,106	243.379,14	78.015,753	209.430,96	133.508,98	1.281,900	11.259,787	40.530,644
Espanha	134.366,63	180.228,69	166.071,72	188.749,76	112.131,65	17.635,040	47.829,650	288.345,46	85.212,586	105.515,74	40.507,272

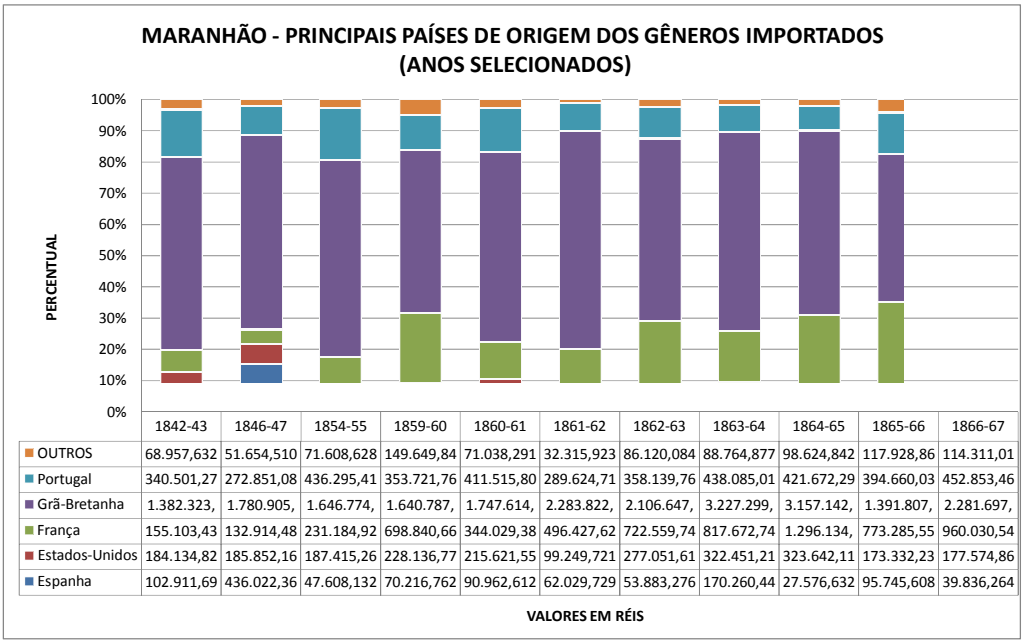
Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Poderíamos considerar que Portugal, após a independência do Brasil, tivesse perdido espaço na pauta exportadora do Maranhão, mas nota-se que a perda em percentual de

valores exportados se refere ao aumento da quantia total de exportação sem que houvesse um mesmo efeito na quantia exportada (somente para Portugal), de modo que há perdas em termos relativos e não quantitativos.

No entanto, apesar da grande soma de exportações para a Grã-Bretanha, o mesmo processo se verifica na importação. Para facilitar a análise, usamos o mesmo grupo de 5 países para as principais origens de gêneros importados e adicionamos ao grupo OUTROS países e portos não apresentados anteriormente – agora, Portos do Império, Amburgo, Antuérpia, Argentina, Áustria, África, Alemanha, Bélgica, Cidades Anseáticas, Cuba, Estados Austríacos, Guiana Francesa, Países Baixos, assim como mostrado no Gráfico 11. Podemos notar que a Grã-Bretanha representa mais de 60%, em média, da importação de gêneros estrangeiros, para os anos selecionados. As outras quatro origens relacionadas são França, com média de 16,5%, Portugal, média de 12,5%, Estados Unidos, média de 6% e Espanha, média de 3%.

GRÁFICO 11



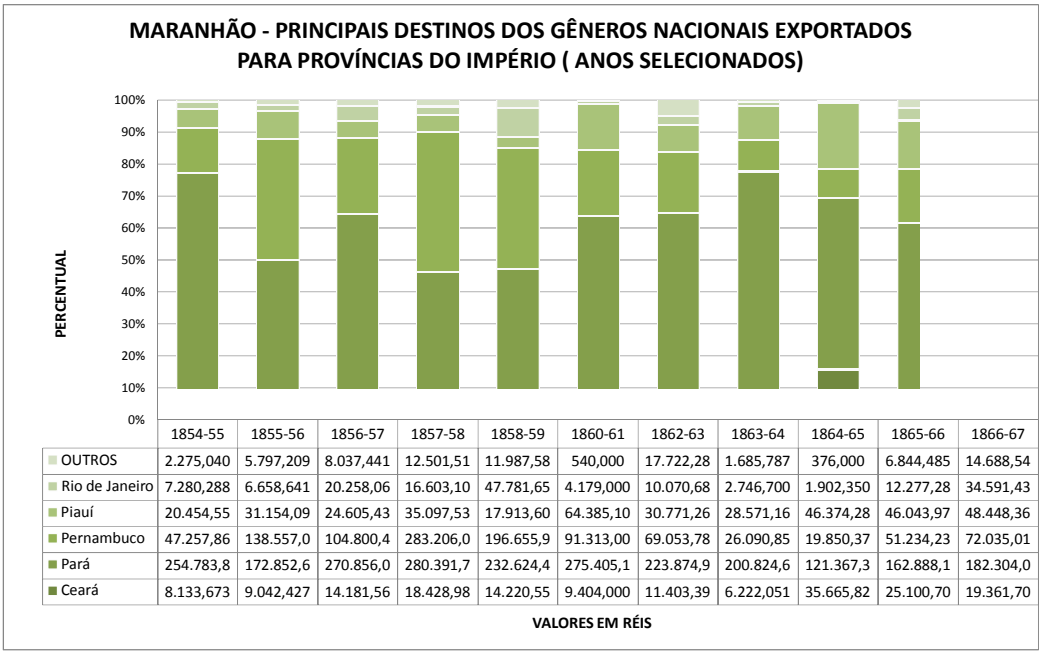
	1842-43	1846-47	1854-55	1859-60	1860-61	1861-62	1862-63	1863-64	1864-65	1865-66	1866-67
OUTROS	68.957,632	51.654,510	71.608,628	149.649,84	71.038,291	32.315,923	86.120,084	88.764,877	98.624,842	117.928,86	114.311,01
Portugal	340.501,27	272.851,08	436.295,41	353.721,76	411.515,80	289.624,71	358.139,76	438.085,01	421.672,29	394.660,03	452.853,46
Grã-Bretanha	1.382.323,	1.780.905,	1.646.774,	1.640.787,	1.747.614,	2.283.822,	2.106.647,	3.227.299,	3.157.142,	1.391.807,	2.281.697,
França	155.103,43	132.914,48	231.184,92	698.840,66	344.029,38	496.427,62	722.559,74	817.672,74	1.296.134,	773.285,55	960.030,54
Estados-Unidos	184.134,82	185.852,16	187.415,26	228.136,77	215.621,55	99.249,721	277.051,61	322.451,21	323.642,11	173.332,23	177.574,86
Espanha	102.911,69	436.022,36	47.608,132	70.216,762	90.962,612	62.029,729	53.883,276	170.260,44	27.576,632	95.745,608	39.836,264

Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Da mesma forma, ao analisarmos o comércio interno verificamos uma concentração no destino da exportação. Pelo Gráfico 12 podemos notar que, apesar das somas mais modestas, Pará e Pernambuco são as províncias para as quais exportamos mais, além de Rio de Janeiro, Piauí e Ceará. Já na importação de gêneros nacionais de outras províncias, mostrado no gráfico 13, o Piauí é nossa principal origem, enquanto o restante se divide entre

as outras províncias citadas, também selecionadas para facilitar a análise entre exportação e importação. No grupo OUTROS temos Alagoas, Bahia, Maceió, Paraíba e Rio Grande do Norte.

GRÁFICO 12



	1854-55	1855-56	1856-57	1857-58	1858-59	1860-61	1862-63	1863-64	1864-65	1865-66	1866-67
OUTROS	2.275,040	5.797,209	8.037,441	12.501,51	11.987,58	540,000	17.722,28	1.685,787	376,000	6.844,485	14.688,54
Rio de Janeiro	7.280,288	6.658,641	20.258,06	16.603,10	47.781,65	4.179,000	10.070,68	2.746,700	1.902,350	12.277,28	34.591,43
Piauí	20.454,55	31.154,09	24.605,43	35.097,53	17.913,60	64.385,10	30.771,26	28.571,16	46.374,28	46.043,97	48.448,36
Pernambuco	47.257,86	138.557,0	104.800,4	283.206,0	196.655,9	91.313,00	69.053,78	26.090,85	19.850,37	51.234,23	72.035,01
Pará	254.783,8	172.852,6	270.856,0	280.391,7	232.624,4	275.405,1	223.874,9	200.824,6	121.367,3	162.888,1	182.304,0
Ceará	8.133,673	9.042,427	14.181,56	18.428,98	14.220,55	9.404,000	11.403,39	6.222,051	35.665,82	25.100,70	19.361,70

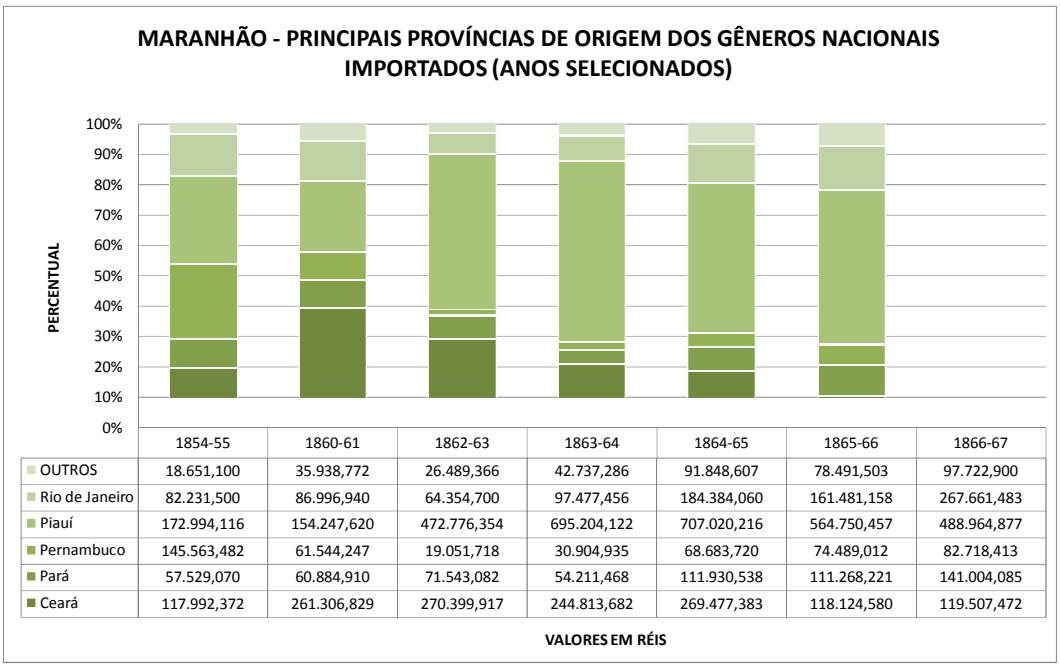
F

onte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

O caráter tomado pelo comércio entre províncias demonstra algo que marcou profundamente a economia brasileira: a formação de economias regionais, sem integração entre si, baseadas no tipo de produção colonial e na exploração de poucos gêneros, voltados para a exportação. O surgimento dessas economias regionais ocorreu associado à exploração de novos produtos, que foram produzidos e comercializados de acordo com as vantagens produtivas de cada região.

O escasso mercado interno fica representado pelas diferenças entre os valores exportados e importados para o Exterior e os para outras províncias, exibidos nos gráficos 10, 11, 12 e 13. A falta de uma integração regional impôs à produção o destino externo. Pará e Maranhão apareciam como centros autônomos, praticamente isolados das demais províncias, até o final do século XVIII. Soma-se a isto, pois, o mercado interno brasileiro estava limitado pela sua formação social escravista, o que, por si só impedia a expansão das atividades mercantis. As cifras registradas nos gráficos 12 e 13 são mais modestas em comparação com as apresentadas pelo Comércio Exterior.

GRÁFICO 13



	1854-55	1860-61	1862-63	1863-64	1864-65	1865-66	1866-67
OUTROS	18.651,100	35.938,772	26.489,366	42.737,286	91.848,607	78.491,503	97.722,900
Rio de Janeiro	82.231,500	86.996,940	64.354,700	97.477,456	184.384,060	161.481,158	267.661,483
Piauí	172.994,116	154.247,620	472.776,354	695.204,122	707.020,216	564.750,457	488.964,877
Pernambuco	145.563,482	61.544,247	19.051,718	30.904,935	68.683,720	74.489,012	82.718,413
Pará	57.529,070	60.884,910	71.543,082	54.211,468	111.930,538	111.268,221	141.004,085
Ceará	117.992,372	261.306,829	270.399,917	244.813,682	269.477,383	118.124,580	119.507,472

Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

IV - Principais mercadorias exportadas.

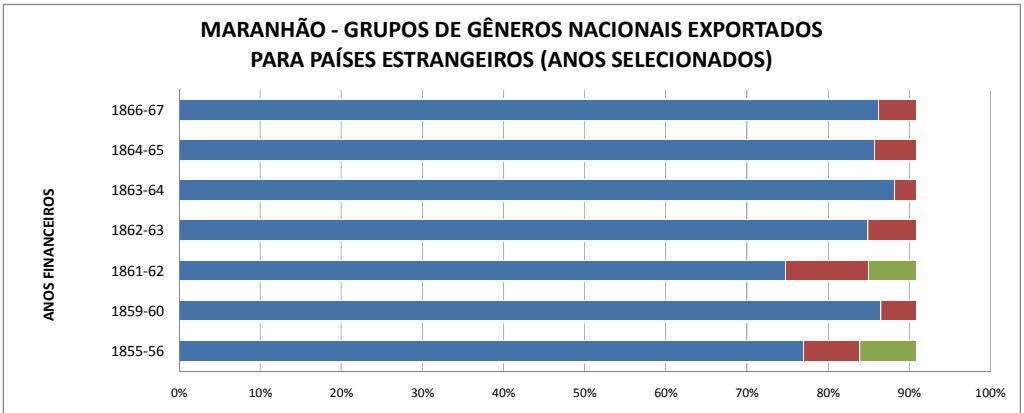
Assim como foi verificado em relação aos seus parceiros comercias, a pauta exportadora do Maranhão também se concentrou em poucos gêneros, cuja produção se destacava em âmbito nacional.

No início do século XIX, a produção maranhense passou por grandes mudanças. Diante dos novos rumos tomados pela economia brasileira, a economia do maranhão se beneficiou diretamente da dinâmica surgida no setor produtivo. Das novas estruturas apresentadas pelas várias economias regionais que se formaram, o Maranhão tomou para si papel mais autônomo. Celso Furtado, em *Formação Econômica do Brasil*, cita claramente este episódio da economia brasileira e maranhense:

> Observada em conjunto, a economia brasileira se apresentava como uma constelação de sistemas em que alguns se articulavam entre si e outros permaneciam praticamente isolados. As articulações se operavam em torno de dois pólos principais: as economias do açúcar e do ouro. Articulada ao núcleo açucareiro, se bem que de forma cada vez mais frouxa, estava a pecuária nordestina. (...) No norte estavam os dois centros autônomos do Maranhão e do Pará. (...) O Maranhão, se bem constituísse um sistema autônomo, articulava-se com a região açucareira através da periferia pecuária. (FURTADO, 1987:90)

A prosperidade vivida pelo Maranhão no final do século XVIII se estendeu pelo início do século XIX. No entanto, as crises e revoltas ocorridas com o processo de independências interromperam esse desempenho. Somente em meados da década de quarenta, a economia maranhense voltou a mostrar grandes números. Os responsáveis por isso foram o algodão e o açúcar. Sabe-se a importância tomada pelo algodão neste comércio durante o século XIX. Esse fato é confirmado pelo Gráfico 14. Nele, temos anos financeiros selecionados da década de 50 e 60, em que o algodão representa, em média, mais de 80% dos valores exportados para países estrangeiros. Os demais produtos exportados foram separados em outros 5 grupos: Alimentos, Courama, Drogas, Madeiras, Ouro e Vários Gêneros[4]. O açúcar ficou representado pelo grupo Alimentos, significando, entre 1859 e 1865, até 85% dos valores relacionados neste grupo.

GRÁFICO 14



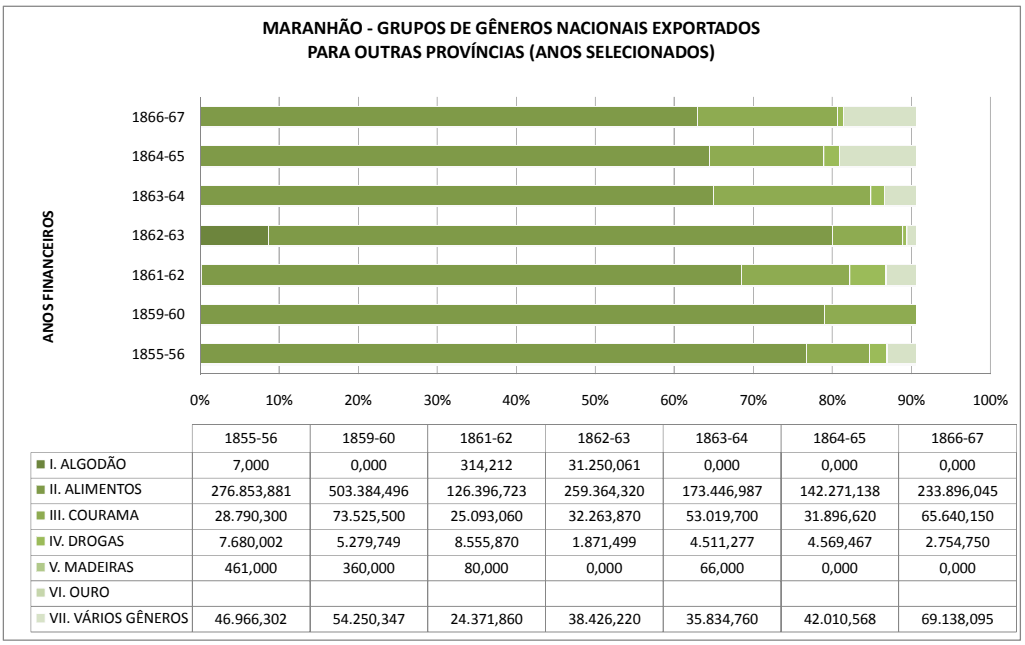
	1855-56	1859-60	1861-62	1862-63	1863-64	1864-65	1866-67
I. ALGODÃO	1.618.887,775	1.850.098,859	2.062.350,057	4.006.546,472	6.394.896,347	4.784.051,388	3.890.716,440
II. ALIMENTOS	143.858,540	153.368,640	284.385,181	316.323,540	420.076,082	331.702,583	287.323,381
III. COURAMA	305.325,540	47.491,887	263.151,599	291.040,275	349.699,459	238.912,987	205.095,632
IV. DROGAS	27.847,930	48.396,319	81.929,036	65.035,233	65.481,500	56.201,300	37.855,000
V. MADEIRAS	3.024,058	4.018,688	2.005,999	1.670,020	908,611	1.675,800	0,000
VI. OURO	6,000	1.530,040	1.843,200	278,600	4.010,800	143.517,000	2.406,600
VII. VÁRIOS GÊNEROS	1.961,308	33.803,340	62.991,666	41.107,434	14.213,720	21.545,559	86.512,486

Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

A produção do algodão foi especialmente estimulada com a quebra de oferta provocada pela Guerra de Secessão norte-americana, justamente à época colocada nos gráficos 14 e 15. Até essa época, os Estados Unidos eram uma das principais fontes de algodão, como matéria-prima para as indústrias têxteis inglesas. Vimos que a Inglaterra era o principal parceiro comercial do Maranhão, e aqui vemos o principal produto negociado. Desse modo, com os Estados Unidos impedido de servir a esse comércio plenamente, o Maranhão e

seu cultivo de algodão apenas ampliaram um mercado pré-existente, cuja intensidade foi elevada consideravelmente.

GRÁFICO 15



	1855-56	1859-60	1861-62	1862-63	1863-64	1864-65	1866-67
I. ALGODÃO	7,000	0,000	314,212	31.250,061	0,000	0,000	0,000
II. ALIMENTOS	276.853,881	503.384,496	126.396,723	259.364,320	173.446,987	142.271,138	233.896,045
III. COURAMA	28.790,300	73.525,500	25.093,060	32.263,870	53.019,700	31.896,620	65.640,150
IV. DROGAS	7.680,002	5.279,749	8.555,870	1.871,499	4.511,277	4.569,467	2.754,750
V. MADEIRAS	461,000	360,000	80,000	0,000	66,000	0,000	0,000
VI. OURO							
VII. VÁRIOS GÊNEROS	46.966,302	54.250,347	24.371,860	38.426,220	35.834,760	42.010,568	69.138,095

Fonte: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu. Relatórios dos Presidentes de Província

Entretanto, a alta da cultura algodoeira do Maranhão se restringiu aos preços. Sabe-se que o estímulo que deveria ser proporcionada ao cultivo do algodão, em termos de quantidade produzida, não ocorreu. O efeito da elevação de preços, que teoricamente estimularia a produção, foi fortemente anulado pela forte atividade açucareira. A economia maranhense estava dividida entre a euforia açucareira e os altos preços do algodão. Como a produção açucareira vinha crescendo desde o final da década de 40, grande parte dos lavradores maranhenses estavam envolvidos nesse cultivo, especialmente no início da década de 60, ou seja, justamente no início do período aqui descrito. Por isso, grande parte do capital que faltava à expansão da produção algodoeira estava investido na produção dos engenhos de açúcar. Tanto que, quando os capitais começaram a convergir para o plantio do algodão, os tempos de supervalorização dos preços haviam passado e a oportunidade, se perdido.[5]

Ademais, podemos dizer que o peso correspondente aos valores verificados no comércio do algodão não tem o mesmo significado em grau quantitativo. No momento não podemos apresentar esses tipos de dados – em termos de quantidade e vindo de nossa própria fonte de dados – mas isso pode ser facilmente verificado nas obras usadas aqui como referência.

Conforme dito, o açúcar maranhense passava por um novo ciclo durante as décadas de 40 a 80. Apesar de encerrar o século XIX em decadência, sua produção sustentou por aquelas décadas todo um complexo econômico.

O mercado envolvido pelo açúcar, no entanto, se destacava tanto em relação ao comercio interno quanto ao externo, o que não acontece com o algodão. Apesar de que, na exportação para outras províncias, os valores sejam menores, são esses valores que possibilitam que o grupo Alimentos tenha maior representação nesse aspecto. Esse predomínio do comércio de alimentos é perceptível no gráfico 15, em que os alimentos representam mais de 60% dos valores comercializados, em qualquer dos anos financeiros selecionados. Em relação à produção para o exterior, o açúcar já começa a demonstrar o potencial do ciclo descrito anteriormente, já que, em média, 80% dos valores correspondentes ao grupo Alimentos dizem respeito ao comércio do açúcar.

V – Considerações Finais

O nosso objetivo, com este trabalho, foi apresentar uma base inicial para construção de uma série histórica do movimento do comercial marítimo da Província do Maranhão no século XIX. Para tanto, focamos nas seguintes variáveis: Balança Comercial – saldo entre exportação e importação; os principais parceiros com quem o Maranhão comerciava – estrangeiros e outras províncias do Império; e, os principais produtos, em termos de valores transacionados, em relação ao comércio externo e em relação ao comércio interno. Devido ao caráter inicial da pesquisa, algumas lacunas não puderam ser preenchidas, entre as quais destacamos a dinâmica dos preços, variável importante para o comparativo, em termos reais, dos movimentos das variáveis aqui apresentadas.

Contudo, o trabalho apresenta-se como um ponto de partida para a realização de estudos comparativos do comércio marítimo como outras regiões brasileiras no século XIX.

NOTAS

[1] Ver: Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu.
[2] Ver: Memória Estatística do Brasil. Sítio www.nemesis.org.br.
[3] VIVEIROS, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão.* São Luís, Associação Comercial do Maranhão, 1954.
[4] Utilizamos a mesma nomenclatura que Jobson Arruda para agrupar as variedades de produtos exportáveis do Maranhão. Ver: ARRUDA, José Jobson de Andrade. *O Brasil no comércio colonial.* São Paulo: Ática, 1980. Pg., 247.
[5] Sobre a cultura algodoeira no Maranhão, ver: MESQUITA, Francisco de Assis Leal. *Vida e morte da economia algodoeira do Maranhão*: uma analisa das relações de produção na cultura do algodão, 1850/1890. São Luís, UFMA, 1987.

FONTES

Center for Research Libraries. Sítio www.clr.edu.

Memória Estatística do Brasil. Sítio www.nemesis.org.br.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arruda, José Jobson Andrade. *O Brasil no comércio colonial.* São Paulo: Ática, 1980. Pg., 247.

Furtado, Celso. *Formação econômica do Brasil.* São Paulo: Editora Nacional, 1987.

Mesquita, Francisco de Assis Leal. *Vida e morte da economia algodoeira do Maranhão*: uma analisa das relações de produção na cultura do algodão, 1850/1890. São Luís: UFMA, 1987.

Viveiros, Jerônimo de. *História do Comércio do Maranhão.* São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954.